

A EDUCAÇÃO HOLÍSTICA

Enquadramento teórico

*Adérito Gomes Barbosa*¹

Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa

Resumo

A pouca investigação em português, o alheamento a esta problemática do paradigma holístico obrigou-nos a um esforço suplementar neste âmbito.

O modelo científico dos últimos quatro séculos e sobretudo a emergência da visão holística concentraram a nossa atenção.

Além de descrevermos os elementos essenciais do paradigma científico mecanicista e do paradigma holístico, assim como a educação neste dois paradigmas, pretendemos denunciar com Martha Nussbaum a atrofia da educação à dimensão científico-tecnológica, assim como realçar com Ken Wilber a transdisciplinariedade, a interdependência e a holisticidade da educação.

Palavras-chave: educação, totalidade, paradigma holístico, paradigma científico-mecanicista, Declaração de Chicago, holões, holoarquia, hierarquia, heterarquia.

¹ Adérito Gomes Barbosa. Doutoramento em Ciências da Educação (2006), pela UCP de Lisboa, onde colabora como professor auxiliar convidado. Para este trabalho, contei com as sugestões da Doutora Sónia Alexandre Galinha, professora adjunta no Instituto Politécnico de Santarém.

Introdução

A cosmogénese e a antropogénese apresentam uma cosmovisão que transcende o reducionismo do paradigma newtoniano-cartesiano¹.

Contudo, o paradigma mecanicista tornou-se uma ferramenta poderosa, no avanço científico e tecnológico, mas dividiu o ser humano do resto da natureza, a mente (alma) e o corpo, exigindo uma especialização precoce no âmbito educativo, esquecendo as dimensões humanas que são essenciais para a formação integral. Então, vai emergindo, progressivamente, um paradigma sistémico ou holístico que começa a dar algumas respostas, assim como recompor muitas das fracturas, geradas pelo paradigma mecanicista².

As bases do novo paradigma (David Bohm com a teoria da totalidade, David Peat com a teoria da sincronicidade, Karl Pribram com o modelo holográfico³) confirmam que nada pode ser compreendido plenamente fora de um contexto, de uma totalidade interrelacionada e interdependente. Assim, tudo tem a sua origem na mesma realidade universal, criadora da vida. Esta realidade unificada e infinita não é a soma de todas as suas partes.

A educação holística retoma e integra os pontos convergentes das diversas disciplinas e correntes que estudam o ser humano, abrindo assim caminhos alternativos para novas elaborações filosóficas, psicológicas, científicas e espirituais que permitem uma visão e uma consciência mais ampla, integradora e justa da arte de educar⁴.

1. Modelo Científico-Mecanicista

1.1. Descrição

Depois de um modelo dogmático da Idade Média até ao século XVII, em que a visão da Igreja dominou a interpretação do mundo⁵, apareceu um modelo científico, guiado pelos princípios filosóficos do positivismo, do reducionismo e do materialismo. Este modelo nasceu de uma reacção ao paradigma dogmático. A sua emergência significou a dessacralização da vida.

¹ A cosmovisão holística caracteriza-se por uma síntese multidisciplinar que integra diversas escolas e disciplinas psicológicas, sociológicas, antropológicas e pedagógicas, assim como as tradições espirituais.

² Ramos, R. Y. (2001). *Educación integral. Una educación holística para el siglo XXI*. Vol. I. Bilbao: Desclée de Brouwer, 38.

³ Wilber, K. (2005). (Coord.). *El paradigma holográfico*. Barcelona: Kairos.

⁴ Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogia del siglo XXI*. Barcelona: Kairós, 171.

⁵ Nesta altura, a visão sobre a vida baseava-se no dogma, na tradição, na autoridade e na fé.

Grof chamou *paradigma newtoniano cartesiano da ciência mecânica* ao modelo positivista e materialista dos últimos quatrocentos anos. O princípio fundamental do paradigma científico mecanicista consiste na separatividade das coisas. Ele considera que o universo é construído por um número infinito de entes, coisas e eventos. Cada um tem a sua própria existência e a sua própria identidade. A relação entre as coisas é acidental. O ser humano é um eu isolado no universo fragmentado⁶.

Este paradigma científico predominou entre o século XVII e o século XX. Ao mesmo tempo que deitou fora o pensamento supersticioso, também desperdiçou a genuína espiritualidade.

Um dos maiores promotores da visão mecanicista foi Francis Bacon. Postulou a ciência como único conhecimento válido em que o homem poderia encontrar a sua realização. Para ele, só o conhecimento empírico, como núcleo da ciência, era válido. O segundo promotor da visão mecanicista foi Descartes que postulou que todo o universo opera de um modo mecânico. Na sua filosofia, toda a natureza era inanimada, morta e não viva. Assinalou também a natureza dualista da realidade (mente-matéria)⁷. O terceiro promotor foi Newton que sublinha a importância do reducionismo. Segundo ele, podemos reduzir a vida em partes para a compreender melhor.

A influência destes três pensadores produziu uma visão do mundo fragmentada, mecânica, reducionista, unilateral, actuando na educação, na economia, na política e na cultura.

A visão mecanicista do mundo investiu na dimensão material e tecnológica, esquecendo o espírito humano.

1.2. Educação mecanicista

O objectivo da educação mecanicista, nos últimos quatrocentos anos, era treinar a racionalidade instrumental, o poder, a rapidez, a discussão, próprias de um campo industrial e científico. A educação mecanicista estava baseada no modelo das fábricas do século XVIII e do século XIX, segundo o qual, educar um ser humano era semelhante à produção industrial de um objecto. Assim, como a fábrica elaborava produtos em série, assim também os estudantes passavam pelos mesmos processos de aprendizagem. Nesta visão mecanicista, aprender significava treinar a memória para a rotina dos processos mecânicos⁸.

A educação mecanicista era mais uma instrução estandardizada, com os mesmos manuais, as mesmas páginas, os mesmos critérios para todos.

⁶ Grof, A. (1991). *Sabiduría antigua y ciencia moderna*. Santiago do Chile: Ed. Cuatro Vientos; Capra, F. (1993). *Pertencer al universo*. Madrid: Edaf.

⁷ Bohm, D. e Peat, D. (1990). *Ciencia, orden y creatividad*. Barcelona: Kairos.

⁸ Nava, R. G. (1999). *Educación holista*. México: Editorial Pax Mexico, 3ss.

Podemos elencar alguns falsos pressupostos da educação mecanicista. Havia o preconceito de que as crianças não aprendiam sozinhas. Neste caso, eram seres passivos, dependentes e deficientes. O papel do educador era total e o do aluno era de irresponsabilidade e de passividade.

A educação mecanicista era um sistema fechado, com critérios pouco flexíveis e estandardizados. Quem não se ajustava ao modelo, era desclassificado.

Um segundo preconceito neste modelo era que só alguns alunos se podiam educar. E as crianças educáveis eram aquelas que se adaptavam fácil e rapidamente aos critérios mecanicistas.

Outro preconceito da educação mecanicista referia-se a todas as crianças que deviam aprender da mesma maneira e à mesma velocidade. É evidente que isto ia contra a diferença individual e criativa das crianças. Colocava-os num processo de aprendizagem estandardizado e insensível às particularidades de cada consciência infantil.

Podemos ainda acrescentar que uma das grandes lacunas da educação mecanicista era a comparação. Os estereótipos de ganhadores e de perdedores divide a comunidade em humilhados e glorificados. A comparação era uma prática que destruía o amor pela aprendizagem, envergonhava o aluno e infundia medo em ordem à participação.

A comparação educativa sempre implicará a desclassificação de um ser humano, dizendo que um é melhor do que outro. A comparação tornava-se assim uma agressividade tremenda à assertividade e à resiliência do educando⁹.

No entanto, sabemos que nem todos aprendem da mesma maneira, nem com a mesma velocidade. Aprender, de maneira diferente e com várias velocidades, não é sinónimo de fracasso escolar. É reconhecer a própria identidade e a diversidade educativa como um dos fundamentos de uma educação integral e individual.

2. Paradigma Holístico

O empirismo, o dualismo e o reducionismo de Bacon, Descartes e Newton foram substituídos por uma nova visão holística, por princípios de interdependência, atracção e movimento da nova ciência da totalidade.

2.1. Conceitos

Holismo

O termo *holismo* ou *holística* - deriva da voz grega *holos*; *hol* ou *holo* - significa *todo, inteiro, total*, que, por sua vez, corresponde a íntegro e organizado.

⁹ Nava, R. G. (1999). *Educación holista*. México: Editorial Pax Mexico, 35-38.

A totalidade das propriedades de um sistema não pode ser determinada ou explicada pela soma das suas componentes¹⁰.

Assim, o *holos* constitui uma unidade que é múltipla nas suas manifestações, que se expressam num contexto de relações e de interacções multidimensionais constantes¹¹.

O holismo é, então, uma doutrina que propugna a concepção de cada realidade, como um todo distinto da soma das partes que o compõem. Significa ainda que a realidade é uma totalidade, não dividida, que não está fragmentada.

Por outras palavras, o sistema completo comporta-se de maneira diferente da soma das partes.

Educação holística

A expressão *educação holística* foi proposta pelo americano R. Miller (1997), para resumir a convicção de muitos pensadores de que a personalidade global de cada educando deve ser considerada na educação. Isto para se ter em conta não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e de cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais, inatos à natureza de cada ser humano¹².

O canadense J. P. Miller (1996) utilizou este termo, um pouco antes, no seu trabalho, sob o *currículo holístico*. Para este autor, a educação holística está baseada na interconectividade, desenvolvendo aproximações ao ensino e à aprendizagem¹³.

Também, Ken Wilber apresentou uma conceptualização interessante sobre a visão holística. De maneira nenhuma, a visão holística se reduz a um sistema ou modelo de conhecimento¹⁴.

Para Wilber, a realidade não está composta de estruturas, funções, átomos, partículas, matéria ou qualquer outro objecto, mas de *holões*. Neste sentido, os *holões* são uma totalidade num contexto. São simultaneamente uma parte noutro contexto.

O conjunto de *holões* conforma o que se denomina de *holoarquia*, ou seja, uma ordem de *holões*.

¹⁰ Aluni e Penagos desenvolvem o modelo holodimérgico, através do qual explicam a natureza humana com um sistema multidimensional, conformado por sete dimensões: cognitiva, emocional, ecológica, comportamental, biológica, interpessoal e transcendente. Holo – totalidade/ parte; dim – dimensionalidade; ergia – energia. Aluni, R. (2003). *Modelo holodimérgico y educación transpersonal*. Trabalho apresentado no Colóquio de Psicologia Transpersonal do México/ Puebla: UDLA.

¹¹ Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogía del siglo XXI*. Barcelona: Kairós, 31.

¹² Miller, R. (1997). *What are schools for?* Brandon: Holistic Education Press.

¹³ Miller, J. P. M. (1996). *The Holistic Curriculum*. Toronto (Canadá): OISE Press.

¹⁴ Wilber, K. (2010). *Una teoría de todo*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1997). *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona: Kairós.

Na teoria dos *holões*, tudo é parte e totalidade, ao mesmo tempo; tudo é parte de uma totalidade maior. Ao mesmo tempo, é totalidade que contém partes.

O conceito de *holoarquia* permite integrar e, ao mesmo tempo, superar os conceitos tradicionais de *hierarquia* (superior-inferior) e *heterarquia* (tudo é igual).

Então, a *holoarquia* é o desenvolvimento de redes mais amplas da totalidade. Segundo a teoria dos holões, a totalidade é inclusiva de outras totalidades. A *holoarquia* é o equilíbrio da *hierarquia normal* e da *heterarquia normal*¹⁵.

O *modelo holoárquico* das totalidades/partes permitiu avançar no estudo sobre o *kosmos*. Este conceito holístico, introduzido pelos pitagóricos, foi retomado por Wilber para assinalar a natureza estruturada ou o processo de todos os domínios da existência.

A palavra *kosmos* faz uma integração holística da totalidade da realidade, quer dizer, não separa os domínios. Inclui o *kosmos* (físiosfera), o *bios* (biosfera), a *psique* (noosfera) e a *theos* (teosfera). O *kosmos* está composto de *holões*¹⁶.

2.2. Descrição

A visão holística refere-se à tendência que permite entender os eventos a partir da óptica das múltiplas interações que os caracterizam. Corresponde a uma atitude integradora que explica e orienta uma compreensão das coisas inteiras na sua totalidade e na sua complexidade¹⁷.

Embora Ken Wilber insista apenas no olho da carne (conhecimento sensorial), da mente (conhecimento conceptual) e do espírito (conhecimento contemplativo), Garza (2009)¹⁸ acrescenta o olho da experiência que é o conhecimento holístico. Este capta a realidade através da intuição que permite apreender a totalidade, através da experiência integral.

Através da experiência totalizante que se realiza, através da integração do objectivo e do subjectivo, do concreto e do abstracto, da razão e da intuição, torna-se possível a compreensão da realidade, continuamente em mutação, assim como o encontro consigo mesmo, com os outros e com a comunidade humana na sua totalidade¹⁹.

Então, a visão holística baseia-se na integração do conhecimento. Ciência, arte, espiritualidade e tradições articulam-se para criar uma cultura de sabedoria que supere a fragmentação do conhecimento, exprimido nas disciplinas académicas²⁰.

¹⁵ Wilber, K. (1996). *Sexo. Ecología y espiritualidad. La trilogía del cosmos*. Barcelona: Kairós.

¹⁶ Nava, R. G. (1999). *Educación holista*. México: Editorial Pax Mexico, 19-25.

¹⁷ Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogía del siglo XXI*. Barcelona: Kairós, 32.

¹⁸ Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogía del siglo XXI*. Barcelona: Kairós, 187.

¹⁹ Wilber, K. (1991). *Los três ojos del conocimiento. La búsqueda de un nuevo paradigma*. Barcelona: Kairós, 83 ss.

²⁰ Nava, R. G. (1999). *Educación holista*. México: Editorial Pax Mexico.

A visão holística rompe com o paradigma científico-mecanicista, ao basear-se em princípios de compreensão das realidades, tais como a unidade (verdadeiro conhecimento é um acto unitário em que sentimentos, cognições, intuição e discernimento se apresentam unificados), totalidade (a totalidade é mais do que a soma das partes e só pode ser explicada pela dinâmica da totalidade), espiritualidade (amor universal, compaixão e liberdade incondicional), aprendizagem (discernimento ao nível intuitivo, emocional, racional, espiritual, físico, artístico, cognitivo e espacial)²¹.

2.3. Educação holística

Enquanto nos últimos séculos se desenvolveu um mundo externo, o novo passo aponta para o interior da pessoa: ou seja, o desenvolvimento do potencial humano.

Passamos então de uma filosofia mecanicista-materialista para uma visão holística espiritual. Desta maneira, podemos perceber o ser humano com um potencial ilimitado, com uma inteligência multidimensional, com conteúdo ético; como um ser espiritual orientado para o significado, com uma curiosidade inata para aprender e que aprende de diversas maneiras e a partir de ritmos diferentes, numa variedade de formas. Passamos de uma educação de tecnologia para uma educação de arte.

Na influência do paradigma educativo, não se podem esquecer grandes pensadores tais como Rousseau, Pestalozzi que vão assentar as bases de uma pedagogia humanista, gerando com isso o florescer de uma acção educativa centrada no estudante²².

Rousseau, na sua obra *Emílio*²³, sublinhava a necessidade de evitar a intelectualização prematura da emoção com o objectivo de prevenir a deformação das faculdades intelectuais primárias, enfatizando a importância da experiência que antecede o pensamento.

Só recentemente, a tradição holística adquiriu um corpo mais consistente e unificado, até ao ponto de ser contemplado como um novo paradigma educativo²⁴.

Entre as teorias psicopedagógicas de enfoque humanista, pode distinguir-se a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget, as propostas do desenvolvimento psicossocial de Erikson e Fromm, as propostas da aprendizagem significativa de Carl Rogers e as propostas sobre a motivação de Maslow, a teoria de aprendizagem social de Bandura e a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg.

²¹ Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogía del siglo XXI*. Barcelona: Kairós, 188.

²² Ramos, R. Y. (2001). *Educación integral. Una educación holística para el siglo XXI*. Vol. I. Bilbao: Desclée de Brouwer.

²³ Rousseau, J. (1979). *Emile*. London: Penguin Books.

²⁴ Miller, R. (1997). *What are schools for?* Brandon (US): Holistic Education Press.

Apesar das divergências naturais nas teorias psicopedagógicas, há coincidências importantes no processo do desenvolvimento humano: os seres humanos apresentam ritmos diferentes no seu processo de desenvolvimento; o processo evolutivo tende a ser relativamente ordenado, isto é, segue uma progressão lógica, gradual, contínua, lenta e florescente; a importância da dissolução das polaridades nos processos evolutivos.

A missão da educação holística consiste em promover e facilitar o processo evolutivo da consciência, contemplada esta como a capacidade de dar-se conta do ser, estar e actuar no mundo, assim como da realidade circundante.

Assim, o fim último da educação holística é educar para a vida na e para a liberdade, através de acções dirigidas a promover e a animar o processo evolutivo da consciência até à conquista da unidade, através da diversidade.

O princípio fundamental de uma educação holística é o princípio da totalidade que nos diz que todo o universo está conectado com os demais. A visão holística é uma visão da totalidade da realidade. A educação holística é uma visão integral dos processos educativos.

Embora conscientes dos cinco níveis da totalidade de Wilber (ser humano, comunidade, sociedade, planeta, cosmos), insistimos em seis componentes do ser humano: dimensão corpórea, afectiva, cognitiva, social, estética e espiritual. Embora tradicionalmente e, ainda por vezes, se abuse da dimensão cognitiva, na educação holística equilibram-se estas seis dimensões.

A educação holística não se reduz a um método educativo ou a uma teoria da educação. É a base para ensinar e aprender que se baseia em princípios da consciência humana e a relação entre os seres humanos e o universo que habitam.

A educação holística, mais do que uma das tantas actividades humanas, constitui uma experiência integral de desenvolvimento pessoal, social e comunitário, que vai além da acumulação de informação, do desenvolvimento de habilidades cognitivas, o controle da disciplina e da conduta.

3. A Declaração de Chicago

3.1. *Antecedentes*

A educação holística nasceu nos princípios da década de 90 como um movimento educativo planetário e como um produto do impacto de paradigma global que nasceu uma década antes.

Educadores dos diferentes continentes, inspirados por uma visão holística começaram a desenvolver as bases de uma nova educação. Podem-se destacar três tipos de influências.

Para esta nova educação, tiveram influência os novos paradigmas da ciência, a filosofia perene e as achegas de grandes pedagogos da humanidade.

Os novos paradigmas da ciência ultrapassam uma visão fragmentada, mecânica, positivista, reducionista e dualista da ciência mecânica do século XVIII. São desenvolvimentos da nova ciência: a teoria holográfica do cérebro, a ordem implicada, a teoria do caos, os campos morfogenéticos, a sincronicidade, a hipótese Gaia, e a física quântica. Isto levou a uma aprendizagem consciente e integral da ciência actual, assim como a um melhor entendimento da criatividade na ciência e no processo de aprender.

A filosofia perene é o coração da educação holística. Aldous Huxley²⁵ tomou de Leibniz o conceito de filosofia perene para referir-se à sabedoria espiritual que tem estado presente através de toda a história da humanidade.

A filosofia perene é a espiritualidade genuína que tem estado escondida em cada ser humano. A espiritualidade, na educação holística, não está relacionada com sistemas de crenças religiosas, instituições ou Igrejas. É a experiência da totalidade, é uma vivência interior directa e total de paz, de amor e de fraternidade universal que permite o desenvolvimento dos valores humanos.

A terceira influência principal da educação holística parte dos grandes pedagogos. Educadores como Steiner, Montessori, Krishnamurti, Pestalozzi, Dewey, Decroly, Cousinet, Claparède, Wyneken, Freinet, Rousseau sublinharam uma educação para o desenvolvimento humano, mais do que um programa de treino instrumental²⁶.

3.2. Os dez princípios

Em Junho de 1990, um grupo de educadores holísticos reuniu-se na cidade de Chicago, estado de Illinois, com a finalidade de indagar sobre a necessidade de uma educação holística²⁷.

Os educadores aí reunidos formaram a Aliança Global para a Transformação da Educação (GATE) e proclamaram uma visão alternativa da educação²⁸: uma educação integral para uma sociedade sustentável, espiritual. Apresentaram dez princípios da educação holística.

A declaração final é conhecida como Educação 2000 e em resumo é o seguinte:

- Educação para o desenvolvimento humano, já que a aprendizagem implica uma ampliação das relações consigo mesmo, a família, os membros da comunidade, a comunidade global, o planeta e o cosmos.

²⁵ Huxley, A. (2010). *La filosofía Perenne*. Barcelona: Edhasa.

²⁶ Steiner, R. (2003). *A arte da educação*. S. Paulo: Antroposófica.

²⁷ Ramos, R. Y. (2001). *Educación integral. Una educación holista para el siglo XXI*. Vol. II. Bilbao: Desclée de Brouwer, 243-155.

²⁸ Estes educadores estavam convencidos da incapacidade da perspectiva industrial tecnológica para solucionar os problemas modernos.

- Honrando os estudantes como indivíduos, aceitando o educando como um ser único, valioso e criativo. Cada pessoa é um ser emocional, intelectualmente único, com grande potencial espiritual, e possuidor de uma capacidade ilimitada para aprender.

- O papel central da experiência. A educação é um assunto da experiência. O papel central da experiência é um processo que introduz os estudantes no mundo natural e social.

- Educação holística. A educação holística orienta-se para a integridade do processo educativo. A integridade significa que cada disciplina académica proporciona uma perspectiva diferente do fenómeno da vida humana.

- O novo papel do educador requer uma mistura de sensibilidade artística e prática científica. O educador holístico considera que a aprendizagem é um processo natural e não um produto que se pode criar conforme os pedidos.

- Liberdade de escolher. A genuína educação só pode ter lugar num ambiente de liberdade, de escolha, de investigação, expressão e desenvolvimento pessoal.

- Educar para a participação democrática. Construir uma sociedade democrática significa potenciar cada indivíduo para que participe de forma activa nos assuntos da comunidade. O ambiente da educação deve girar à volta da solidariedade, das necessidades humanas partilhadas, da justiça, e estimular uma forma de pensar original e crítica.

- Educar para serem cidadãos globais. A educação global facilita o reconhecimento do papel de cada pessoa na ecologia planetária que inclui a família humana, todos os sistemas da terra e do universo.

- Educar para uma cultura ecológica planetária. A educação ecológica implica uma tomada de consciência da interdependência do planeta e a congruência entre o bem-estar pessoal e social.

- Espiritualidade e educação. A parte mais preciosa da pessoa é a sua individualidade. A educação deve cultivar o crescimento sadio da vida espiritual.

Esta declaração insiste que a educação tem que ser holística, que a educação tecnológico-industrial, baseada na filosofia mecanicista do século XVIII, já não é adequada para as sociedades em formação. A educação holística promove uma nova consciência planetária, uma nova visão da ciência, da espiritualidade e da sociedade.

4. Fundamentação

Embora, só há pouco se começasse a falar da educação holística, os seus princípios filosóficos e pedagógicos derivam da cultura helénica e das cosmovisões hinduísta e budista²⁹.

²⁹ Krishnamurti é um bom representante da educação holística oriental. Sócrates, Platão e Santo Agostinho suportam a perspectiva ocidental.

No que se refere à fundamentação filosófica da educação holística destacamos o seguinte:

- A corrente fenomenológica de Husserl, para quem o fenómeno indica não só o que se manifesta no homem, condicionado pelas formas de intuição e categorias do entendimento (posição de Kant), mas o que aparece e se manifesta em si mesmo, ou seja, a sua essência. A fenomenologia pura ou transcendental, também conhecida como a ciência das ciências, encontra credibilidade em pensadores e filósofos contemporâneos como Hartmann, Scheler e Heidegger.

- O pensamento fenomenológico e a cosmovisão de Teilhard de Chardin transcendem as propostas evolutivas baseadas na biologia. Teilhard contempla o desenvolvimento da humanidade, a partir do amanhecer do tempo como intimamente ligado ao surgimento de uma consciência crítica, auto reflexiva e livre³⁰.

Para Teilhard, antes apareceu a vida, depois a consciência reflexiva, o homem. A natureza auto reflexiva do conhecimento humano é possível, graças a uma consciência potencialmente livre de escolher o seu caminho, capaz de olhar para o futuro e planear o seu destino.

- As tradições espirituais constituem um terceiro elemento de influência no que se refere ao princípio da interrelação com todo o criado e a compreensão da realidade como consciência.

Se as tradições espirituais exercem uma influência importante na fundamentação da educação holística, esta não privilegia, nem quer fazer proselitismo sobre nenhuma religião ou Igreja estabelecida. Respeita as diferenças individuais, realça as semelhanças e aceita as divergências.

- A filosofia perene, cujas primeiras expressões têm mais de vinte séculos, contém elementos da metafísica, da psicologia e da ética. Manifesta-se através das culturas, das tradições espirituais de todas as épocas e sustém que a realidade não é unidimensional, mas que se encontra conformada por distintas dimensões que se encadeiam sucessivamente do menos para o mais inclusivo, do insensível para o sensível, do sensível para o racional, do racional para o intuitivo, do humano para o espiritual, o transcendente e o super consciente.

Para Aldous Huxley, a filosofia perene é o pensamento social alternativo ao modelo científico-mecanicista. A filosofia perene foi-se actualizando nas diferentes épocas com grandes mestres universais que assinalaram o carácter fundamentalmente espiritual do ser humano e a existência de uma sabedoria para a sua auto realização.

Wilber (1995) assinala que a afirmação fundamental da filosofia perene é que todo o ser humano, homem ou mulher, pode crescer e desenvolver-se ao longo

³⁰ Chardin, T. (1970). *O fenómeno humano*. S. Paulo: Herder.

do processo a que chamamos vida e chegar a realizar a suprema identidade com a divindade. Este é o supremo anseio de todo o crescimento e evolução³¹.

Huxley (1995) considera que a filosofia perene tem quatro elementos fundamentais: o mundo fenoménico da matéria e a consciência individual; a completa união entre conhecedor e conhecido. Isto significa que todo o ser humano tem a capacidade de perceber a existência da totalidade, através da intuição; o ser humano possui uma consciência pessoal (ego fenoménico) e uma consciência espiritual (residente no interior do ser humano); a natureza espiritual permite através da unificação com o espírito, chegar à união com o fundamento divino do que forma parte e participa³².

A partir daqui, podemos deduzir a tese de que o sentido e fim último da vida do ser humano é chegar a uma plena identificação com a substância e a origem de todo o existente e, desta maneira, aceder a um conhecimento unificado do pensamento divino, do qual toda a realidade toma a sua essência e a sua existência.

Podemos assim, resumir os princípios fundamentais para uma educação holística:

- consciência do ser (supõe a descoberta do ser real que leva a abertura à mudança e ao diálogo interpessoal, ou seja, ao encontro consigo, com os outros, com o mundo e com o universo);

- consciência do outro (o encontro com o outro transcende as antropologias individualistas e colectivistas. A primeira contempla o ser humano só consigo mesmo. A segunda não vê o ser humano, centrando-se só na sociedade. Aqui, tem que se ter presente uma das dimensões fundamentais do ser humano: todo o ser humano é responsável no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento);

- consciência dos outros (como os seres humanos como indivíduos não são entes isolados, mas fios que se entrelaçam na teia do universo. As instituições educativas como a Família, a Escola, o Estado e a Igreja não são entidades isoladas. Conformam sistemas que se encontram integrados com outros mais amplos. Abordar consciência dos outros é abordar a comunidade);

- consciência do mundo (a inter-acção consciente com o mundo recorda que todos somos cidadãos da terra e, por isso, co-responsáveis do seu cuidado);

- consciência de unidade (a partir da visão de cosmogénese que afirma que formamos parte e participamos do cosmos inteiro, a educação holística tem como vocação essencial, resgatar a riqueza do diverso para transformá-lo no universo)³³.

³¹ Wilber, K. (1995). *La gran cadena der ser. En Trascender al ego*. Barcelona: Kairos, 346.

³² Huxley, A. (1995). *La filosofía perenne. En Trascender al ego*. Barcelona: Kairos, 343.

³³ Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogia del siglo XXI*. Barcelona: Kairós, 320.

O mundo de hoje requer um paradigma pedagógico universal centrado no outro, que implica a promoção do desenvolvimento da pessoa na sua totalidade³⁴.

5. Perspectiva: Educação Holística

Martha Nussbaum (2010) denuncia que os países, ávidos do sucesso económico, renunciam a competências essenciais para a sobrevivência das democracias. Se esta tendência persistir, em breve, produzir-se-ão, pelo mundo inteiro, gerações de máquinas úteis, dóceis e tecnicamente qualificadas, em vez de cidadãos realizados, capazes de pensarem por si próprios, de porem em causa a tradição, e de compreenderem o sentido do sofrimento e das realizações dos outros³⁵.

As humanidades e as artes estão a perder terreno no ensino básico, secundário e na universidade em quase todos os países do mundo.

Assim, os aspectos humanistas da ciência e das ciências sociais estão em retrocesso. Os países preferem o lucro a curto prazo. Procuram-se os bens que protegem, satisfazem e consolam as pessoas. Esquecem-se, no entanto, as faculdades do pensamento e a imaginação que fazem das pessoas e das suas interações, relações empáticas e não simplesmente utilitárias.

Quando se estabelecem contactos sociais, se não se aprende a ver no outro um outro nós, imaginando-lhe faculdades internas de pensamento e de emoção, então a democracia está voltada para o fracasso, ao ver as pessoas como objectos.

Hoje, mais do que nunca, as pessoas dependem de outras pessoas que nunca viram. Os problemas a resolver (económicos, ecológicos, religiosos ou políticos) têm uma envergadura planetária. Nenhum de nós escapa a esta interdependência mundial.

As escolas e as universidades têm uma tarefa urgente: cultivar nos estudantes a capacidade de se considerarem membros de uma nação heterogénea e de um mundo ainda mais heterogéneo, bem como uma noção de história dos diferentes grupos que o povoam.

É que se o saber não é uma garantia de boa conduta, a ignorância é quase infalivelmente uma garantia de maus procedimentos.

É verdade que o indivíduo necessita de muitos conhecimentos factuais. Contudo, para ser um cidadão responsável, necessita de algo mais: ser capaz de

³⁴ Wilber, K. (1997). *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1996). *Sexo, ecologias y espiritualidad*. Barcelona: Gaia; Wilber, K. (1996). *El proyecto Atman*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1996). *La conciencia sin fronteras*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1995). *Después del Éden*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1993). *Los tres ojos del conocimiento*. Barcelona: Kairós.

³⁵ Martha Nussbaum (2010). *Not for profit. Why democracy needs the humanities*. New Jersey: Princeton University.

avaliar os dados históricos, de manipular os princípios económicos e de exercer um espírito crítico, comparar diferentes concepções de justiça social, de avaliar os mistérios das grandes religiões. É que dispor uma série de dados, mas não os saber avaliar é como quase manter-se na ignorância.

Ser capaz de se referenciar em relação a um leque de culturas, grupos, nações e história, leva a poder abordar, de uma forma responsável, os problemas.

No século XX, John Dewey³⁶ é o mais influente norte-americano na prática da educação democrática. Dewey vivia e ensinava numa democracia florescente e o seu principal objectivo era produzir uma geração de cidadãos democráticos, respeitadores uns dos outros. As suas experiências deixaram uma marca profunda no ensino primário dos Estados Unidos da América.

Na Europa, a pressão do crescimento económico levou muitos dirigentes políticos a reorientarem todo o sistema universitário (ensino e a investigação) numa óptica do crescimento.

Na Índia, a desvalorização das humanidades começa com Nehru nos anos 1950 em que se propunha fazer da ciência e da economia os pilares do futuro do país. Apesar da sua paixão pela poesia e pela literatura, conseguiu impor a sua visão, ou seja, colocar à frente a ciência e a tecnologia.

Portanto, no ensino primário, as exigências do mercado mundial levaram todos os países a colocarem a tónica nas competências científicas e técnicas, enquanto as humanidades e as artes, assentes nas capacidades imaginativas e críticas, são colocadas em segundo plano.

Que tipo de produto humano sai da universidade? Não se pretende um *gentleman* culto, impregnado de sabedoria, mas um membro activo, crítico, ponderado e empático numa comunidade de iguais, capaz de trocar ideias, respeitando e compreendendo as pessoas procedentes de outros espaços.

Assim, as humanidades, as belas artes, o teatro, a música, o cinema vão caindo deste mundo educativo que, pouco a pouco vai perdendo o *humanum*, preferindo manter-se no sistema hermético tecnológico³⁷.

³⁶ Dewey, J. (1995). *Democracia y educación*. Madrid: Morata.

³⁷ Tagore, R. (1985). *O significado da vida*. Brasília: Thesaurus. O escritor, compositor, dramaturgo, pintor e filósofo indiano Rabindranath Tagore (1861-1941) iniciou as suas experiências pedagógicas com a fundação em 1901 de um pequeno pensionato em Santiniketan (Bengala Ocidental) onde acolhia um pequeno grupo de alunos. A partir deste projecto, concretizou em 1921 a ideia de uma universidade alternativa, criando a Visva Bharati, um estabelecimento que ainda hoje se encontra em actividade. Pode concretizar o seu empreendimento humanista, graças ao Prémio Nobel da Literatura em 1913.

Para Tagore, a música e as belas-arts deveriam ser centrais no ensino. A simplicidade era uma característica fundamental. Os cursos tinham lugar ao ar livre, à sombra de árvores, onde o homem e a natureza entram numa relação harmoniosa e imediata.

E, por fim, um dos princípios fundamentais da educação holística é a transdisciplinaridade. Muitas vezes, os investigadores, como Piaget, Kohlberg e outros, estudam a ponte que vai da dependência à independência. Não exploram a segunda parte, ou seja, da independência à interdependência.

Wilber³⁸ é um dos autores que estuda esta segunda parte. Para se viver responsabilmente no século XXI, não é suficiente o indivíduo ser independente, é preciso saber viver em interdependência; ou seja, viver juntos de maneira responsável, respeitando não só os outros seres humanos, mas também os outros seres vivos e o planeta no seu conjunto.

Educar para a interdependência significa o desenvolvimento de uma consciência holística, a emergência de uma nova racionalidade, baseada no princípio de que tudo está ligado a tudo, e nada está isolado³⁹. A vida é uma rede dinâmica.

Nesta nova sociedade, a educação holística reconhece a importância em educar para a cidadania global e para a consciência planetária, ou seja, educar para a interdependência⁴⁰.

A nova educação holística, na sua dimensão social, educa para a capacidade de pensar globalmente e actuar localmente: uma consciência de acção que ultrapassa a própria localidade para inserir-se num contexto planetário.

6. Bibliografia

Aluni, R. (2003). *Modelo holodimergico y educacion transpersonal*. Trabalho apresentado no Colóquio de Psicologia Transpersonal do México/Puebla: UDLA.

Barbosa, A.G. (2010). Prefácio. Sónia Galinha (Coord.). (2010). *Sociedades empáticas e organizativas. Contributos psicossociológicos em educação*. Santarém: Co-Produção JOIA, 11-24.

Bohm, D. e Peat, D. (1995). *La totalidad y el orden implicado*. Barcelona: Kairos.

Bohm, D. e Peat, D. (1990). *Ciencia, orden y creatividad*. Barcelona: Kairos.

Capra, F. (1993). *Pertenecer al universo*. Madrid: Edaf.

³⁸ Wilber, K. (1997). *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1996). *Sexo, ecologias y espiritualidad*. Barcelona: Gaia; Wilber, K. (1996). *El proyecto Atman*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1996). *La conciencia sin fronteras*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1995). *Después del Éden*. Barcelona: Kairós; Wilber, K. (1993). *Los tres ojos del conocimiento*. Barcelona: Kairós.

³⁹ Nava, R. G. (1999). *Educación holista*. México: Editorial Pax Mexico, 55.

⁴⁰ Barbosa, A.G. (2010). Prefácio. Sónia Galinha (Coord.). (2010). *Sociedades empáticas e organizativas. Contributos psicossociológicos em educação*. Santarém: Co-Produção JOIA, 11-24.

- Chardin, T. (1970). *O fenómeno humano*. S. Paulo: Herder.
- Dewey, J. (1995). *Democracia y educación*. Madrid: Morata.
- Flake, C.L. (1998). (Coord.). *Educación holística: Principios, Perspectivas y Practicas*. Brandon/USA: Holistic Education Press.
- Fromm, E. (1970). *El arte de amar*. Buenos Aires: Paidós.
- Garza, A. M. G. (2009). *Educación holística. La pedagogía del siglo XXI*. Barcelona: Kairós.
- Garza, A. M. G. (2005). *Colisión de paradigmas*. Barcelona: Kairós.
- Grof, A. (1991). *Sabiduría antigua y ciencia moderna*. Santiago do Chile: Ed. Cuatro Vientos.
- Heidegger, M. (1962). *El ser y el tiempo*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- Huxley, A. (2010). *La filosofía Perenne*. Barcelona: Edhasa.
- Huxley, A. (1995). La filosofía perenne. En *Trascender al ego*. Barcelona: Kairos.
- Krishnamurti, J. (1992). *El propósito de la educación*. Barcelona: Edhasa.
- Miller, J. P. M. (1996). *The Holistic Curriculum*. Toronto (Canadá): OISE Press.
- Miller, R. (1997). *What are schools for?* Brandon: Holistic Education Press.
- Nava, R. G. (1999). *Educación holista*. México: Editorial Pax Mexico.
- Nussbaum, M. (2010). *Not for profit. Why democracy needs the humanities*. New Jersey: Princeton University.
- Ramos, R. Y. (2001). *Educación integral. Una educación holística para el siglo XXI*. Vol. I. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Ramos, R. Y. (2001). *Educación integral. Una educación holística para el siglo XXI*. Vol. II. Bilbao: Desclée de Brouwer
- Rousseau, J. (1979). *Emile*. London: Penguin Books.
- Steiner, R. (2003). *A arte da educação*. S. Paulo: Antroposófica.
- Tagore, R. (1985). *O significado da vida*. Brasília: Thesaurus
- Wilber, K. (2010). *Una teoría de todo*. Barcelona: Kairós.
- Wilber, K. (2005). (Coord.). *El paradigma holográfico*. Barcelona: Kairos.
- Wilber, K. (1997). *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona: Kairós.
- Wilber, K. (1996). *Sexo. Ecología y espiritualidad. La trilogía del cosmos*. Barcelona: Kairós.
- Wilber, K. (1996). *El proyecto Atman*. Barcelona: Kairós.
- Wilber, K. (1996). *La conciencia sin fronteras*. Barcelona: Kairós.
- Wilber, K. (1995). La gran cadena de ser. En *Trascender al ego*. Barcelona: Kairos.
- Wilber, K. (1995). *Después del Éden*. Barcelona: Kairós.
- Wilber, K. (1993). *Los três ojos del conocimiento*. Barcelona: Kairós.

Abstract

The scarce investigation in Portuguese language and the oblivion about the problematic of the holistic paradigm, forced me to an additional effort in this area.

I focused my attention in the scientific model of the last four centuries and mainly in the holistic vision.

Besides describing the essential elements of the scientific mechanical paradigm and the holistic paradigm, as well as the education in these two paradigms, we want to denounce, as Martha Nussbaum did, the atrophy of the education to the technical-scientific dimension, as well as to underline, as Ken Wilber did, the transdisciplinarity, the interdependence, the holisticity of the education.

Keywords: Education, totality, holistic paradigm, scientific-mechanicist paradigm, Chicago Declaration, holons, holarchy, hierarchy, heterarchy.